



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 21 DE NOVEMBRO DE 1995

Excelentíssimo Senhor Roman Herzog, Presidente da República Federal da Alemanha; Senhores Ministros do Brasil e da Alemanha; Senhores Presidentes das Confederações Nacionais da Indústria dos nossos dois países; Senhores Empresários; Senhoras e Senhores,

Escutei com muita atenção as palavras, tanto dos líderes empresariais que aqui se manifestaram, como do Presidente Herzog, com quem mantive, esta manhã, uma longa conversação, dando prosseguimento a vários agradáveis encontros que nós mantivemos em Bonn, recentemente.

De tudo que ouvi, do que sei, do que vi na Alemanha, do que sinto no Brasil, do entusiasmo com que os líderes da Alemanha – Presidente Herzog, Primeiro-Ministro Kohl – têm se manifestado sobre as relações do Brasil com a Alemanha; e por tudo que eu sei da disposição brasileira de, em contrapartida, participar também ativamente dessa colaboração, tenho a firme convicção de que nós, realmente, abrimos uma nova página na história do nosso relacionamento. E página importante, porque transcende, se eu pudesse dizer assim, as fronteiras do Brasil e da Alemanha, para ser um relacionamento entre a União Européia e o Mercosul.

Porque – disse o Presidente Herzog, com muita razão – nossos dois países têm um papel muito ativo nessas duas organizações regionais. E essas duas organizações regionais estão por firmar um acordo – que firmaremos agora, em dezembro – de cooperação, não só comercial e econômica, mas também cultural e política, o que é significativo.

E, mais ainda, estarei, junto com o Presidente Herzog, dentro de alguns dias, em São Paulo, na Febral-95, que é um marco – marco muito importante para todos nós, brasileiros e alemães – do que há de positivo, do que há de dinâmico no setor industrial e empresarial da Alemanha e de como isso hoje, aqui no Brasil, encontra cabível acolhida.

Não tenho dúvida nenhuma, nós aqui temos um espaço econômico aberto. Nós estamos com a mentalidade absolutamente orientada para uma competição sadia. Mas também sabemos que essa competição só poderá ser levada a efeito, no plano internacional, se aumentarmos o coeficiente qualitativo das nossas empresas, a nossa base tecnológica. Para isso, precisamos de capital, sem dúvida, nacional e externo; mas, sobretudo, precisamos de *know-how*, de tecnologia.

O milênio que se abre, dentro de breves anos, será um milênio favorável àqueles que tiverem saber, que tiverem capacidade de imaginar e de utilizar o seu saber e a sua imaginação para criar novas formas, não só de produção, mas de convivência política, de convivência cultural e de convivência econômica.

Para isso, precisamos estreitar nossos vínculos com a Alemanha, posto que ela tem dado uma demonstração inequívoca da sua criatividade, da sua capacidade tecnológica e da sua disposição, no melhor sentido da palavra, de aventura, de se arriscar a dar novos passos. Quantas vezes ouvi referência à prudência alemã. Ela é verdadeira, mas não é uma prudência de quem tem medo: é a prudência de quem calcula, para que o risco assumido possa significar também o incentivo a uma realização feliz.

A Alemanha deu um exemplo, recentemente, quando se unificou. A Alemanha tem dado de novo o exemplo, agora, ao ter uma posição muito clara na União Européia, no sentido de que é preciso ampliar as relações comerciais, em vez de fechar os mercados. A Alemanha expor-

ta, talvez, quase a metade do seu produto. A Alemanha é, portanto, o tipo do parceiro de que o Brasil precisa.

E é mais do que isso, Presidente. Além deste momento tão favorável, há, do ponto de vista do Brasil, uma acolhida para os alemães e para o capital alemão, para a presença alemã, que tem raízes históricas. Se o Presidente tiver a possibilidade de percorrer certas regiões do Brasil verá, de forma direta, o quanto a cultura alemã foi importante na formação do nosso país; o quanto a participação dos alemães, que diretamente se mudaram para essas terras, foi uma participação que enriqueceu o patrimônio cultural da sociedade brasileira. Nós temos muito o que fazer em comum e temos muitos laços que vêm de longe. Isso facilita o nosso relacionamento.

O Senhor Presidente da Federação de Indústrias da Alemanha mencionou algumas transformações que estão sendo realizadas, efetivadas, no Brasil. Primeiro, em nível de um arcabouço legal, com modificações no plano constitucional; e, em seguida, em termos de atitudes, em termos do entrelaçamento efetivo das nossas economias e da nossa capacidade de pensar, em comum, problemas que podem ser comuns, que vão desde a ecologia, problema que nos preocupa e sensibiliza, e para o qual encontramos sempre na Alemanha um parceiro para, juntos, definirmos as condições – como disse o Presidente da Federação das Indústrias do Brasil – de um desenvolvimento auto-sustentável, e não uma escusa, para evitar o crescimento das regiões que têm as florestas tropicais, que têm esses enormes recursos naturais, como são as regiões brasileiras. Ao contrário, trata-se de utilizar um cabedal novo de conhecimento e a imaginação para criar formas de desenvolvimento que não sejam agressivas para com a natureza. E os alemães têm essa disposição.

Eu me orgulhei muito de poder inaugurar, em Bonn, bem perto da residência do Senhor Presidente, uma exposição sobre as chamadas “queimadas da Amazônia”, onde foi possível demonstrar que nós, hoje, acompanhamos esse problema semanalmente, através de fotografias de satélites, de monitoramento feito aqui no Brasil. Esse é um problema que é muito diretamente ligado a nós, que precisamos e

queremos preservar as nossas riquezas naturais e não queremos dar a impressão daquilo que não é, ou seja, de que nós somos predadores da natureza.

Já o fizemos, em escala muito menor do que foi feito por outros povos. Mas agora temos a consciência de que é preciso aproveitar a nossa riqueza natural para avançar. Tenho certeza de que contaremos com a colaboração da Alemanha – como já contamos noutra questão que, no passado, provocou muita polêmica, que era a demarcação das terras indígenas, e que hoje é matéria que está nos seus ajustes finais, com sustentação da opinião internacional, dos antropólogos, daqueles que lidam diretamente com as populações indígenas –, para que nós possamos definitivamente resolver essa questão.

Mas ainda acredito que, entre as modificações mencionadas, há uma que de perto diz respeito a este Governo, ao Chancelar, à Ministra, ao Ministro da Fazenda, à Ministra Dorothea, ao Presidente da Federação de Indústrias e a mim, que é a questão da Lei de Patentes.

Já foram explicadas as razões das delongas, das demoras.

Todo processo democrático, como é o caso brasileiro, é um processo que demanda paciência e tempo. Mas o rumo está dado. E eu agradeço ao relator dessa matéria, que está aqui presente, o Senador Fernando Bezerra, que ajudou o País a compreender melhor, do ponto de vista também da nossa indústria, a importância de dispormos de uma Lei de Patentes e o quanto isso beneficiaria o desenvolvimento industrial do Brasil.

Por fim, quero lhes dizer, Senhores Empresários, Senhor Presidente, Senhores Ministros, que a disposição do Governo brasileiro é uma disposição clara e conhecida. Nós não temos cartas debaixo da mesa, quanto a tudo o que nós pensamos, proclamamos e lutamos para chegar aos nossos objetivos. E temos proclamado e estamos lutando para que, juntos, possamos ainda mais ampliar a escala de cooperação entre a Alemanha e o Brasil em todos os terrenos – no tecnológico, no investimento direto, na cooperação, no entendimento dos problemas políticos, no diálogo em nível internacional das grandes questões globais, tanto as do meio ambiente quanto as mais delicadas, de conflitos que, eventualmente, possam surgir – e o estreitamento cultural a partir do

qual possa aumentar a base de afeto. E o afeto só aumenta quando se tem proximidade.

A presença dos senhores aqui é uma demonstração dessa vontade de proximidade e, portanto, é um potencial para aumentar o afeto. Nós, brasileiros, agradecemos e nos sentimos muito felizes com este encontro e com o que daqui resultará, sempre pensando que estamos trabalhando pelos nossos dois países, sem conflito; e não só sem conflito entre nós, mas em perfeita consonância com os interesses, se me permitem uma palavra mais arrojada talvez, com os interesses – dizem que os brasileiros são exagerados – planetários.

Muito obrigado.